

DA CONTRIBUIÇÃO DO MAR PARA O ESTUDO DA NUMISMÁTICA

POR: RAUL FERREIRA GONÇALVES

Em «*Da Numismática em Portugal*», referindo-se à publicação intitulada «*Libri V de asse et partibus eius*», de Guilherme Budé, dada à estampa em 1515, o prof. Doutor J. Leite de Vasconcelos diz: «*onde pela primeira vez se interpretam e comentam à luz da Numismática muitos factos da história antiga.*»

O mesmo douto professor referindo-se ao tradutor e copista do trabalho de Budé, para língua portuguesa, Pero de Moyna Angeli, põe mais uma vez em destaque os méritos da Numismática como valioso auxiliar das Ciências Históricas ao afirmar: «Ele tem consciência da importância da Numismática, pois declara no citado PRÓLOGO que não se podem conhecer bem os impérios antigos «sem entender suas moedas, medidas, pesos e números que usavam».

Ainda o mesmo autor em referência a Gaspar Estaço, diz-nos: «Assim se justifica plenamente o eu falar aqui de Gaspar Estaço. Possuidor de algumas moedas, que reputava raras, não alardeia a posse, não faz delas ostentação balofa, e muito pelo contrário utiliza-as como documentos arqueológicos. As moedas já não servem apenas como objectos de luxo em mãos de magnates, como em tempos passados; constituem fontes de erudição, quando se encontram ao alcance dos investigadores. E tanto o nosso autor tem consciência do que faz que algures escreveu: «Como elas sejam, mensageiras, que vem de longe, e nos tragam notícia de muitas cousas que nam sabemos, que engenho nobre ou alto espirito os nam estimará muito, pois tam natural é ao homem o desejo de saber?»

E mais adiante termina: «Organizando-o (o seu numofilácio) obedecia ao seu instinto e ao seu gosto de erudito, e ao mesmo tempo, como já observei, tirava dele proveito para documentar asserções históricas: isto mostra que ele não coleccionava por mero prazer, mas para se instruir e instruir os outros, o que, em tese, deveria ser sempre o fito de todos os coleccionadores.



Ramo das Ciências Históricas, a Numismática, contribui em larga escala para o estudo dos factos passados, habilitando os homens de hoje, dos tem-

pos modernos, a assentarem ideias sobre a forma como terão vivido os seus antepassados.

As Ciências Históricas, designação porque é conhecida nos nossos dias a História, — a esta correspondendo na realidade e na actualidade, pouco mais do que as narrativas que nos foram legadas pelos cronistas ou pelos historiadores através de manuscritos ou livros, ou pelas lendas ou tradições que até nós chegaram de geração em geração — permitindo ao homem moderno tomar contacto, «viver» a vida extinta há milhares de anos, trazem às civilizações actuais o contributo da experiência de outras civilizações que, embora ultrapassadas pelos progressos das técnicas, podem, pelas suas filosofias contribuir — e muito bem —, para o bem-estar da humanidade odierna que, no ancioso entusiasmo da vida vivida a velocidades ultrassónicas, esquece que a vida humana, para ser equilibrada, terá que pensar na sobrevivência, portanto no futuro encarado pelo homem como ser vivente, não ignorar o passado, para nele beber a ciência das lições mais salutares, de forma a que o presente se lhe depare calmo, ponderado, consciente perene de espírito de justiça, de igualdade e de compreensão.

Partindo da experiência do passado poderá, a Humanidade, viver com mais serenidade o presente, encarar com mais objectividade o futuro; poderá, digamos, construir em bases mais sólidas a sua felicidade.

A Numismática, dentro da sua missão de contribuir para a estruturação da História Ciência, constitui capítulo valioso da Sociologia, e, o seu estudo não pode encarar-se como passatempo de pouca valia, distração de ociosos, entretenimento para férias ou fins de semana, mas verdadeiramente como campo de trabalho onde a investigação científica, com as suas hipóteses e as suas teses, as suas ilacções e conclusões, as suas sementes e os seus frutos, seja para o seu cultor preocupação de todos os dias, motivo de cogitação, de locubrações, de raciocínios, conducentes à descoberta e confirmação das verdades históricas.

Assim encarada — e de outro modo não pode sê-lo — todas as fontes devem ser aproveitadas, todos os indícios explorados, todos os campos desbravados.

Sejam ofertas postas perante os nossos olhos, como no caso deste nosso modesto trabalho, ou segredos presentes à nossa inteligência para serem desvendados, como tantas vezes acontece, à custa de laboriosas investigações, tudo deve ser aproveitado, pois constituem valiosas achegas, para o seu estudo.

★

OS ACHADOS MONETÁRIOS — São contribuição valiosa para o

estudo das civilizações e dos factos históricos com elas relacionados. A sua recolha feita em bases científicas e nestas bases temos que entrar em linha de conta com o estudo do local do achado, do recipiente ou recipientes continentes do tesouro, a classificação do numofilácio antes da sua dispersão, etc., etc., impõe-se como factor de primordial importância para a desvenda dos segredos que no achado de um tesouro sempre se contém.

Infelizmente, a recolha nestas condições, muito raras vezes é possível. A regra geral consiste exactamente no contrário; segredo sobre o local do achado, partindo-se as mais das vezes do princípio — quase cem por cento errado — de que no local, ou suas proximidades, podem encontrar-se outros tesouros; inutilização dos recipientes onde as moedas se encontravam guardadas; dispersão, particularmente nos casos em que o achador é constituído por um grupo de indivíduos que entre si divide o achado e segredo da descoberta, mais ou menos bem guardado —, impedindo, para fugir à intervenção das autoridades financeiras, que outras autoridades muito mais interessadas, as científicas, deles tomem conhecimento e procedam ao seu estudo com utilidade.

Devemos considerar os achados de dois tipos distintos: em primeiro lugar aqueles que correspondem a *ocultações*, isto é, relativos a grupos de moedas, conjuntos monetários mais ou menos valiosos e numerosos, voluntariamente guardados em determinada época, por virtude de receios, por via de regra bem fundamentados, de cataclismos sociais que esbulhariam o seu proprietário ou proprietários, da sua posse e utilização; em segundo lugar, e estes muito menos valiosos, sob o ponto de vista científico, relativos a numismas isolados, autêntica moeda perdida, logo, valor de que o seu possuidor involuntariamente se separou.

A recuperação dos tesouros ocultos tem uma característica particular: não obedece, de forma alguma a planos pré-concebidos, a estudo orientado, conducente à sua descoberta; essa característica particular, sublinhemo-la bem aqui, é traduzida por circunstâncias fortuitas, imponderáveis e imprevisíveis que nos permitem afirmar que são quase sistematicamente obras do acaso.

A demolição de um prédio, como, por exemplo, o caso da rua da Arrábida, no Porto, ou do edificio para a sede do Clube dos Galitos, em Aveiro, para citar dois casos recentes onde apareceram moedas portuguesas e espanholas dos séculos XVIII e XIX, a renovação dos pavimentos ou modificação de esgotos de uma urbe edificada há longos séculos, como no caso de Setúbal, onde recentemente se recuperaram numerosos numismas romanos, a abertura de uma estrada, um tiro de uma pedreira, o desmoronamento de um muro ou de uma barreira no decurso de uma tempestade ou após longa estação

pluviosa, são exemplos frisantes e convincentes de que, na recuperação destes tesouros se encontra sempre o factor acaso.

As pesquisas arqueológicas, nas «estações» sujeitas a estudos, sistemática e cientificamente orientadas, embora ricas na colheita de «indícios» vários costumam, por via de regra, ser pobres na recuperação de numismas, não obstante os recuperados, poderem contribuir valiosamente para a interpretação dos dados obtidos nessas pesquisas.

Os achados de numismas isolados, as tais moedas perdidas a que atrás nos referimos, podem em certas circunstâncias contribuir também para estudos históricos, vindo provar, por exemplo, que determinada numária circulou em tal ou tal região do globo, revelando que o povo seu emissor ocupou essa região ou com ela teve contactos comerciais, ou outros.

Nos nossos dias, com a evolução das técnicas, particularmente aquelas que dizem respeito ao desvendar dos segredos do fundo dos mares, uma nova perspectiva se abre à recuperação de numismas. Na verdade, às moedas recuperadas pelos achados de tesouros ocultos e aos achados de numismas isolados, vem juntar-se um terceiro grupo, muito interessante, constituído pelos fabulosos tesouros há séculos sepultados no fundo dos oceanos. Digamos desde já que a designação de *fabulosos* que acabamos de empregar nada tem de exagerada; basta citar apenas o facto, ainda há pouco referenciado na imprensa mundial, de que o leilão da primeira parte dos tesouros arrancados por Kip. Wagner e seus colaboradores ao fundo do Atlântico, na Flórida, costa oriental da América do Norte, e, aos quais algo detalhadamente nos referiremos mais adiante, rendeu a bonita soma de cerca de meio milhão de contos.

A vida do homem fora do seu meio ambienal, em locais onde não há ar respirável, seja nos espaços siderais, seja no fundo dos mares ou dos rios, a utilização através de uma electrónica cada vez mais aperfeiçoada de aparelhos detectores de metais, o uso da fotografia sub-aquática e o estudo das sombras do fundo dos oceanos utilizando os aviões e, particularmente, os helicópteros, tudo nos faz prever que a localização e abordagem de barcos há muito naufragados, se tornará nos nossos dias problema de fácil solução, da qual depende a recuperação de avultadas riquezas que, não tendo aproveitado aos seus ajuntadores virão trazer aos homens do século XX e possivelmente do século XXI (a tarefa já não será totalmente realizável nos 33 anos que ao XX.º século restam) a justificação do provérbio que diz: «guardado está o bocado...».

Pois este «bocado», estamos disso cientes, dará contribuição valiosa para o estudo das Ciências Históricas. A História Trágico-Marítima diz-nos muito

dos numerosos naufrágios que as armadas de Portugal e da Espanha registaram da época de Quinhentos para cá e das avultadas riquezas que nesses naufrágios se perderam e que nos nossos dias podem ser recuperadas. Às naus e galeões luso-espanhóis do Atlântico, do Índico e do Pacífico, poderemos juntar as embarcações que, mercadejando no Mediterrâneo, fenícias, gregas ou romanas, de Atenas ou de Rodas, de Roma ou de Cartago, aí se perderam arrastando no seu naufrágio as suas preciosas cargas.



A PRAIA DO FURADOURO (OVAR) SEMEADA DE MOEDAS

— Não poderemos considerar esta expressão «semeada», como correspondendo, com propriedade, aos factos que com ela queremos relacionar. Na verdade a sementeira terá sido feita muitos anos antes, diremos mesmo ao longo de largos anos, não no local onde agora foram encontradas tais moedas, mas noutra, possivelmente a mais de uma centena de metros. No outono de 1965, procedeu-se à «colheita», recolheu-se a messe, como aliás se costuma fazer nesta época do ano, nesta zona temperada do hemisfério norte do nosso globo. O outono, com reservas para algumas excepções, é época de colher e não de semear.

Mas, narremos os factos. Um colega amigo, muito dedicado à pesca desportiva, sabedor do nosso fraco pela numismática, trouxe-nos um dia a notícia de que durante a baixa-mar, na Praia do Furadouro, os pescadores estavam fazendo vasta recolha de moedas antigas de cobre, prata e ouro, e, ainda, de outros objectos dos mesmos metais. Terminava a notícia informando-nos do nome de um pescador que possuía muitas dessas moedas, as quais conservaria em seu poder por alguns dias, a seu pedido, sem proceder à sua venda, até que nós o procurássemos para delas tomarmos conhecimento.

Recebemos com alvoroço esta informação e no domingo imediato, logo pela madrugada (visto conhecermos os hábitos madrugadores dos pescadores), abalámos para o Furadouro onde fomos encontrar o homem das moedas. Diga-se, desde já, que adquirimos na sua totalidade as que ele possuía e ainda muitas outras que muitos pescadores e até muitos rapazitos tinham na sua posse, recolhidas nos últimos dias. Antes de nós, outros coleccionadores, simples curiosos e os ourives da região, já haviam adquirido larga soma delas.

Regressar ao Porto, deixando a recomendação de que nos escrevesse ou telefonasse logo que houvesse ou houvessem encontrado mais exemplares, era na altura a nossa maior preocupação para procedermos ao seu estudo e catalogação e daí tirarmos as ilacções que tal estudo proporcionasse.

Antes, porém, não quizemos deixar de ouvir das bocas dos achadores

a história que, com o aparecimento de tais moedas, se relacionava. É fenómeno telúrico conhecido aquele que, após modificações no porto artificial de Leixões e barra do rio Douro, determina largas erosões na costa marítima; as nossas praias da Granja e Espinho têm sido as maiores vítimas; ultimamente tocou a vez à praia do Furadouro.

Por alturas do equinócio do outono de 1965, nas marés vivas de então, o mar embravecido e fustigado por ventos de noroeste e sudoeste entrou de escavar a praia arrastando a duna e numerosos edificios sobre ela construídos. A parte sul da praia foi a mais atingida; o Armazém da Sardinha — assim era conhecido o edificio onde a empresa que explora a pesca de arrasto nesta praia tinha a sua sede e guardava os seus utensílios — foi totalmente destruído e com ele muitas habitações, especialmente casas de pescadores. Em poucos dias o mar conquistou à terra uma larga faixa com mais de cem metros de profundidade e arrastou uma massa de areias movediças com uma altura de cerca de dez metros. Milhões de metros cúbicos de areia foram arrastados para o sul, na direcção da praia da Torreira.

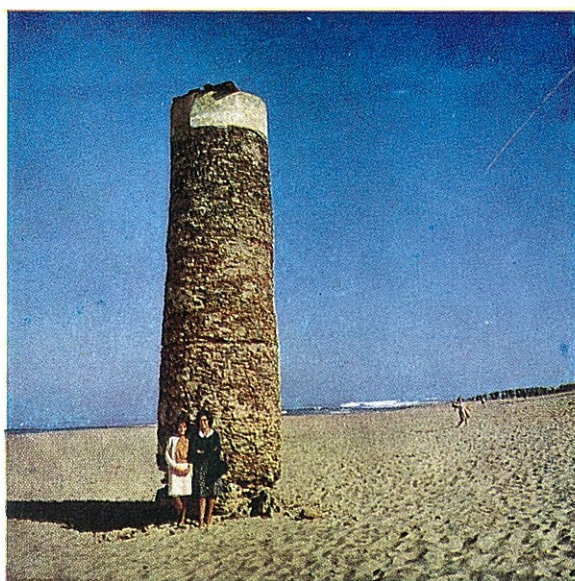
Ao arrastar as areias, por um fenómeno de decantação associado a joeira, ou crivagem, terá deixado, ou melhor depositado na praia os objectos mais pesados; as moedas, pela sua forma laminar que lhes não permite serem roladas, terão ficado, praticamente, no local onde se conservam há muito, daí o seu aparecimento na praia quando esta ficava descoberta na baixa-mar.

Antes de nos retirarmos fotografamos ainda um monumento curioso que aqui reproduzimos em fotogravura — nada mais, nada menos que o esqueleto do poço do citado Armazém da Sardinha —, que bem mostra a altura que neste local tinha a duna antes de arrastada pelo mar.

Em redução fotográfica apresentamos também alguns dos exemplares que se encontram em nosso poder. Abrangem mais de dois séculos as datas neles inscritas; dois são em ouro — cruzados novos —, um dos quais tão bem conservado que lhe poderemos dar a classificação de belo; vários são de prata, cruzados, meios cruzados, seis vinténs, etc., quinhentos, duzentos e cem réis, ainda um taler do tempo de Carlos V, de um estado da Europa Central, muitos de bronze e cobre incluindo desde JV coroados até 20 e 10 centavos do Estado Novo. Em resumo, uma panorâmica geral das cunhagens do país durante mais de duzentos anos. A presença de moedas estrangeiras deve ser considerada como circunstância de excepção.

Como explicar o aparecimento de tão grande número de moedas, súbitamente e durante algum tempo (cerca de três meses depois já não apareciam) numa praia onde anteriormente nada disto acontecia?

Sabemos do aparecimento de moedas arrojadas às praias, muitos anos



Poço do Armazém de Sardinha

após os naufrágios dos barcos que as transportavam; essas moedas registam sempre como data limite o ano do próprio naufrágio ou um dos anos que o precederam. São moedas de um determinado período que finda com a data do naufrágio em causa. No nosso caso, interessando a um largo período, não poderiam referir-se a um naufrágio e a hipótese de naufrágios repetidos tem de ser posta inteiramente de parte.

Também não podemos aceitar que as moedas estivessem nas casas arrasadas pelo mar e que os seus donos não tivessem tido tempo de as recolher. De forma nenhuma. Nestas circunstâncias apenas poderiam ter sido perdidas e, depois, devolvidas pelo mar, moedas em circulação na data da destruição dos edifícios, seja, moedas actuais.

Fica de pé a interrogação. Como explicar o aparecimento de moedas em tão grande número e atingindo um tão largo lapso de tempo?

A explicação que a seguir apresentamos em hipótese, iríamos mesmo dizer em tese, é baseada em dois factos que se conjugam nesta Praia do Furadouro:

- 1.º — É colónia piscatória, dedicada à pesca de arrasto;
- 2.º — É estância balnear importante.

O primeiro facto nada teria de valor se com ele se não conjugasse um terceiro; a existência de lota volante, sobre a areia, onde o peixe é leiloado logo depois de ser retirado da rede que o pescou. A esta lota concorrem almocreves e varinas, e, ainda, na época balnear, os veraneantes, os banhistas, que procuram abastecer-se de peixe. Este mercado ambulante, sobre a areia, é deveras favorável à perda de moedas porquanto estas, ao caírem, não fazem barulho; a pessoa que as perde, que as deixa cair, pode dar, acto contínuo, pela sua perda, mas estas, enterrando-se, com dificuldade serão recuperadas. Para além do movimento próprio da lota outro facto há, importante, que concorre para que a perda da moeda se avante e que é resultante da própria pesca.

Quem conhece o sistema de pesca de arrasto nas nossas praias da beira-litoral sabe quanto é aliciante o espectáculo que essa pesca representa. Numerosas pessoas se deslocam às nossas praias de Esmoriz, Cortegaça, Furadouro, Torreira, Costa Nova, Vagueira, Mira, Tocha, etc., para gozar tão atraente faina.

O saco, a rede, transportada em barcos de alta proa, é largado no mar a uma distância de mil a mil e quinhentos metros; uma vez o barco regressado a terra começa a sua recolha a qual é feita a um ritmo lento, a passo de boi, pois que é mesmo a estes pachorrentos colaboradores do homem que incumbe a missão de a recolher.

Mas este ritmo nem sempre é lento. Enquanto o saco se conserva no mar alto o seu reboque faz-se com lentidão, mas, quando se aproxima de terra e as cordas são substituídas pelas «mangas» — duas bandas de rede de larga malha destinadas a reter o peixe cercado e fazê-lo entrar no saco — o ritmo começa de se acelerar; a fase final, acompanhada de alta vozeria e grande algazarra, faz-se a ritmo yeloz, verdadeira correria com a agravante de, quase sempre, se deslocar ao longo da praia para acompanhar as correntes marítimas a fim de se evitar a destruição por tais correntes, de todo o aparelho. Os assistentes a este movimentado espectáculo, que, com muita frequência se encontram despreocupadamente sentados ou estendidos sobre a areia, são súbitamente surpreendidos pelas correrias dos bois, que para eles avançam ameaçadoramente tocados pelo aguilhão dos condutores. Erguem-se em alvoroço, abandonando o calçado e outros objectos que tinham junto de si para, fugindo, evitarem ser espezinhados pelos, ainda há pouco pachorrentos cornúpetos mas agora transformados em fogosas bestas apocalípticas.

Neste salve-se quem puder, muitas vezes se vão os anéis mas ficam os dedos, que neste caso quer dizer que muitas moedas se separam dos seus donos ficando sepultadas no areal.

Esta é a explicação que encontramos para os factos que vimos apon-tando. Reforçá-los-emos com a circunstância de estarmos em presença de uma estância balnear, muito frequentada, especialmente ao domingo, onde, no verão, se junta imensa gente. Gosta o nosso povo, especialmente rapazes e raparigas, de se divertir à sua maneira, brincando na areia; correr, saltar, experimentar forças, lutando, passar rasteiras, provocar que os outros tropeçando, se estatelem, são motivo de gáudio para a gente moça e até, para os mais idosos, mas, tudo isto faz também com que os mais variados objectos se percam. E as moedas são tão fáceis de perder!

É neste conjunto de circunstâncias que encontramos a explicação para esta colheita de moedas na Praia do Furadouro.

Algumas interrogações no entanto ficam de pé: por que não aparecem moedas de outros séculos, dado que por aqui terão andado outros povos antes mesmo de Portugal se ter constituído em nação independente? Gregos, fenícios, romanos, godos, árabes por aqui passaram.

Não terá a praia sido habitada e visitada senão a partir do século XVIII? A indústria da pesca só se terá estabelecido com a lota volante, apenas nessa altura?

Será que a praia teria, antes do XVIII século, a posição e configuração mais ou menos semelhante à que tem actualmente, a duna, que agora foi



Achado de Moedas no Furadouro

arrastada, terá sido até acumulada no início desse século por virtude de tempestades hoje ignoradas?

Aos estudiosos recomendamos a busca de resposta a estas perguntas.



GALEÕES AFUNDADOS RESTITUEM OURO ESPANHOL ⁽¹⁾

— É uma admirável história, verdadeiro e fascinante conto de fadas, digno de figurar nas Mil e Uma Noites, aquela que nas colunas do órgão do National Geographic Society, de Washington, nos conta o seu autor, que, de antiquário se transformou em pesquisador e recuperador de tesouros jacentes ao longo da costa atlântica dos Estados Unidos. Profusamente ilustrada, ocupa 37 páginas da interessante revista americana. Minuciosamente se descrevem os meios de ordem técnica de que o homem pode dispor para a recuperação das riquezas sepultadas no fundo dos mares com o naufrágio dos barcos que as transportavam.

Passeando numa praia da Flórida, em uma tarde de outono, após uma violenta tempestade de Nordeste, ficou espantado com a radical mudança que na praia notou: a duna fora arrastada pelas ondas e a areia, milhões de metros cúbicos, desaparecera. Em lugar de zona arenosa, com as suas veredas e vegetação que lhe era tão familiar e onde as ondas se vinham espriaiar, um barranco de alguns metros de altura e lá em baixo o mar batendo uma praia escavada de terreno duro. Percorrendo-a, um objecto brilhante chama a sua atenção. Baixa-se, recolhe-o, e, com grande surpresa verifica que tem na sua mão uma moeda de prata, de contorno irregular, com as dimensões e o peso aproximado de um dólar. Uma data gravada: 1715 — e as armas reais espanholas. Tratava-se de um «Real de Oito» de Filipe V, cunhado na cidade do México.

Continua na busca e nesse dia e nos seguintes consegue recolher mais de quarenta peças iguais. Um pequeno tesouro. De todas, as de data mais alta, eram de 1715 e as restantes dos anos anteriores.

Proveniência deste tesouro: investiga, estuda e conclui estar perante o local onde, nos baixios da costa, no outono de 1715 sossobrou toda uma armada espanhola constituída por duas séries de barcos, os *galeones de tierra firme* que em Nova Granada (hoje Colômbia), Cartagena e Portobelo reco-

⁽¹⁾ Em inglês «Drowned galleons yield Spanish gold» — Artigo publicado por Kip Wagner, com fotografias de Otis Imboden, no número de Janeiro de 1965, de National Geographic.

lhiam ouro, pedras preciosas (especialmente esmeraldas), pérolas e muita prata das minas do Perú e a *flota de la plata* ou armada da Nova Espanha, que em Vera Cruz, no Golfo do México, recolhia prata, cochonilha e indigo e ainda mercadorias que os galeões do Pacífico traziam do Oriente até Acapulco e aí, (ainda não existia o Canal de Panamá), eram carregadas, em grandes caravanas de mulas, para aquele porto. Assim chegavam a Espanha as porcelanas, sedas e especiarias vindas de Manilla.

As duas armadas reuniam-se em Havana e daí seguiam, sob forte escolta, para Espanha, procurando fazer a travessia dos estreitos caminhos da costa da Flórida antes que as traiçoeiras tempestades, os furacões, aí tão frequentes no outono, as viessem surpreender.

Nesse ano de 1715 as armadas, por qualquer razão, ter-se-ão atrasado, e, possivelmente, os temporais terão sido também precoces. O certo é que todos os navios sossobraram em Cap Canaveral (hoje Cap Kenedy), com todas as suas riquezas.

Com estes conhecimentos Kip Wagner toma uma decisão: resolve meter ombros à gigantesca empresa de recuperar os tesouros da *flota da prata*, há 250 anos sepultos na costa americana.

Ouve a opinião de um numismata, Robert J. Nesmith, uma das principais autoridades da América, em numária espanhola da época colonial que afirmou: «examinei as peças de prata de oito e quatro reais. As moedas são exactamente iguais às cunhadas na casa da moeda da cidade do México.»

«Este tipo de moedas foi feito durante os primeiros tempos das casas de moeda coloniais espanholas e, até ser instalada a prensa de estampar em 1732, foram batidas a martelo entre dois cunhos. Estas moedas rudes têm sido sempre raras, e, devido aos hábitos de as aparar em forma irregular ⁽¹⁾, raramente mostram a data, marca monetária, letra do gravador (J) ou qualquer parte da legenda.»

«Na minha opinião este é o achado mais importante da armada da prata espanhola da Flórida, quer histórica, quer numismaticamente, como o futuro se encarregará de demonstrar...»

O prosseguimento da empresa e os êxitos conseguidos haveriam de dar inteira, absoluta razão ao distinto numismata americano; a enorme quantidade de moedas de ouro e prata recolhidas do fundo do mar onde em 1715

(1) Deve querer referir-se ao cerceio. Daí, a sua afirmação de que o achado é histórica e numismaticamente importante pois se trata de moeda que não chegou a circular, portanto, não cerceada.



Moedas espanholas do achado da Florida

naufraaram os galeões espanhóis, vieram confirmar cabalmente as afirmações, digamos, os vaticínios de Robert Nesmith

Balanço do admirável trabalho de Kip. Wagner até ao outono de 1965: mais de três mil dobrões de ouro (8 escudos) em excelente estado de conservação; milhares de moedas de prata de 8, 4 e 2 reais, igualmente muito bem conservadas; lingotes de ouro e de prata com o peso de muitos quilogramas; cadeias de ouro (uma delas com cerca de 3 metros de comprimento, 2 176 elos em forma de flor e o peso superior a 200 grs), jóias, talheres em prata, vários instrumentos de navegação e ainda, intactos, vários serviços de delicadas porcelanas orientais da dinastia chinesa K'ang-hsi, etc., etc.

Não podemos resistir à tentação de transcrever aqui a tradução das palavras com que K. Wagner finaliza o seu artigo: *«ao escrever isto, tenho na minha frente, em cima da minha secretária, alguns dos exemplares dos achados, somente dos últimos meses. Aqui estão dois lingotes redondos, um com o peso de 3 e outro de 8 libras, de ouro puro. Um lingote de prata de 26 libras e uma barra do mesmo metal de 2 pés de comprimento, datada de 1659. Há anéis de ouro, medalhões religiosos e uma coleção de moedas de ouro. Mas, isto, são alguns exemplares. Como já disse, avaliamos hoje o total dos nossos achados, em mais de um milhão de dólares. Mas, quando volto os olhos para as nossas dificuldades durante estes anos passados, o valor em dinheiro parece quase insignificante: o verdadeiro tesouro é termos tocado a própria História com as nossas mãos.»*

«Vamos aos poucos preenchendo as lacunas que ainda existem no conhecimento das armadas da prata. E, não fizemos mais do que começar. Localizámos, já, definitivamente, vários outros naufrágios, e, em anos futuros, esperamos juntar mais peças deste enigma que tem sido a fascinação da minha vida».

«A excitação da busca, os próprios meses de espera e desespero proporcionaram-nos momentos que nada há que os pague. Todos os achados se nos deparam como uma dádiva do mar e a nossa melhor recompensa será sempre o inesquecível prazer da descoberta».

Resta dizer aqui que as moedas recuperadas por Kip. Wagner e seus colaboradores, na sua maioria foram retiradas do fundo do mar construindo blocos, que grosseiramente deveriam representar a forma das vazilhas (barris), em que vinham acondicionadas: blocos negros, de prata oxidada, no exterior, mas contendo no seu interior muitas moedas em perfeitíssimo estado como se houvessem saído naquele momento da ceca onde foram cunhadas.

Sendo assim, encontrando-se as moedas em blocos rígidos, rigidez determinada pela sua imobilização no fundo do oceano durante 250 anos, como

explicar o aparecimento de cerca de 40 exemplares, na praia, após a tempestade que arrastou a duna, deixando a praia escalvada?

Para nós a solução do problema é igual à do aparecimento das nossas moedas na praia do Furadouro. As moedas encontradas em Cap. Kenedy por Kip. Wagner e que o levaram à empresa da recuperação de tesouros sepultados no oceano encontravam-se há 250 anos enterradas na areia, na duna. A tempestade removendo as areias, pelo tal fenómeno de joeira e decantação, depositou as moedas no quebrar das ondas deixando-as a descoberto na maré-baixa.

Por que estariam essas moedas enterradas na areia? O próprio K. Wagner levanta uma ponta do véu que encobre tal mistério quando pelos estudos a que procedeu, nos vem dizer que logo após o enorme desastre os espanhois tentaram, com os recursos da época recuperar as fabulosas riquezas que as duas armadas guardavam nos seus bojos.

Logo que a tempestade o permitiu, lançaram-se à empresa, pois a frota transportava para cima de 14 milhões de pesos em prata. Sob a direcção do Sargento-mór de Havana, D. Juan del Hoio Solarzano, homem à altura da tarefa, utilizando sinos de mergulhador, os espanhois estavam realizando bom trabalho e tinham já reenviado para Havana alguns milhões de pesos, quando surgiu um novo concorrente a disputar-lhes a presa.

Uma notícia vinda a lume em 1725, na *História geral dos latrocínios e crimes dos piratas mais famosos* dá-nos conta da presença deste concorrente na pessoa de um pirata célebre, o inglês Henry Jennings, que se vinha celebrizando no mar das Bahamas. Surgiu com os seus barcos na costa da Flórida a disputar aos espanhois os tesouros afundados. Consta terem os espanhois cerca de 350.000 reales de 8, na praia, já recuperados quando Jennings desembarcou com 300 homens bem armados. Travou combate com a guarda espanhola, cerca de 60 homens, que pronto foi dominada. Na pressa de transportar as moedas para as suas embarcações, natural é que, na confusão, algumas se tenham perdido no areal aí se conservando até aos nossos dias.

Não se deverá ainda excluir a hipótese, pouco provável todavia, de que algum espanhol menos honesto, as tenha ocultado com o intuito de as vir buscar mais tarde.

O costume que tinham os piratas de passar tudo a fio de espada, terá gorado os seus intentos.



REALES DE 8 NAS ILHAS BAHAMAS — A referência embora sucinta regista-se a págs. 238 do n.º 2 — Vol. 131 — Fevereiro de 1967, de

National Geographic. Alguns operários de Miami, aí ocupados na construção de um grande hotel de turismo o Lucayan Beach, descobriram em 1964 um galeão espanhol afundado nos bancos de coral há mais de dois séculos. Aí foram recolhidos numerosas moedas de prata, na sua maioria 8 reais.



OURO NA PRAIA AO SUL DE MOÇAMEDES — Não queremos deixar de relatar aqui uma interessante história que nos foi narrada por um doente que tratámos durante algum tempo. O narrador e um seu irmão, quase da mesma idade, encontravam-se exercendo a sua vida de funante, no Sul de Angola, na segunda década deste século, quando em dada altura, os indígenas da região começaram a procurar adquirir as suas mercadorias pagando-as com boas moedas de ouro. Peças de D. João V ou D. João VI, não pôde precisar, pois já não possuía nenhuma. Procurou informar-se da sua proveniência e veio a saber que eram achadas ao longo da costa, aí arrojadas pelo mar. Este meu cliente e seu irmão, esquadrinhando a praia, ainda conseguiram encontrar grande número delas. Do facto de não ter nenhuma em seu poder deu a seguinte explicação, bastante plausível, mas também bastante curiosa.

Guardavam com grande sigilo o seu tesouro quando na primavera de 1916 Portugal entrou na primeira guerra mundial ao lado das nações aliadas. Foi necessário guarnecer a fronteira sul de Angola confinante com o Sudoeste Africano Alemão e aí combater. Os dois irmãos, com vinte e poucos anos, foram mobilizados. Antes de se apresentarem na unidade que lhes foi destinada, dirigiram-se a uma agência bancária, em Moçâmedes, onde depositaram o seu tesouro. Finda a guerra, quando regressaram à vida civil, contentes por terem cumprido o seu dever para com a Pátria, embora à custa de muitos sacrifícios, procuraram reaver na agência bancária as moedas que aí haviam depositado. Foi-lhes entregue, em lugar de bom ouro com a efígie do «Magnânimo» ou do «Clemente», uns míseros rectângulos de papel com o desenho de um navio à vela e representando uns escudos desvalorizadíssimos. O ouro fora-se à vela! Bom pago para quem tanto se sacrificara em defesa do sagrado património dos portugueses. Os Henry Jennings, existiram em todos os tempos e em toda a parte!



PERSPECTIVAS DE FUTURO — Encerraremos este modesto trabalho no qual, despretenciosamente, procuramos mostrar que, com as actuais possibilidades técnicas, o mar nos pode dar valioso contributo para o estudo da

numismática, com uma notícia publicada pelos jornais de 8 de Julho de 1967 e que reza assim: «Londres-7 — Uma equipa de homens-rãs da Aeronáutica Naval britânica, da base de Coldrose, na Cornualha, garante que encontrou o casco da fragata «Association», navio-almirante da esquadra de «Sir» Claudslay Shovel, que se afundou em 1707, depois de encalhar num recife ao largo das Sorlingues.

A «Association» e mais três unidades da esquadra, que também naufragaram, regressavam de uma campanha de dois anos e meio no Mediterrâneo e parece que transportavam barras de ouro no valor aproximado de 2.500.000 libras (200.000 contos).

Os mergulhadores já localizaram uns quarenta canhões e trouxeram para terra uma moeda de ouro, de 1704 «provavelmente de origem portuguesa».

Não há dúvida que as perspectivas do futuro se mostram fortemente promissoras.